

ANTÓNIO FERRO E A PROPAGANDA DE UM CERTO PORTUGAL: BERNA E ROMA, 1950-1956

CARLA RIBEIRO*

Resumo: Em finais de 1949, António Ferro, diretor do Secretariado Nacional de Informação (SNI), era nomeado ministro de Portugal, primeiro em Berna e depois em Roma.

Esta mudança não significou, contudo, uma interrupção da sua atividade como intérprete e divulgador da “personalidade portuguesa”, descortinando-se na sua ação enquanto ministro de Portugal uma continuidade no “modelo identitário SNI”, centrado no demótico como emblema da portugalidade.

Este artigo procura esclarecer esta ação de Ferro, propondo leituras sobre a ideia de Nação portuguesa difundida, explorando as relações estabelecidas entre esta ação diplomática de Ferro e o Secretariado, órgão por excelência da propaganda nacional, e apresentando informação sobre as iniciativas enquadradas nesta ação de divulgação de Portugal no estrangeiro liderada por Ferro.

Palavras-chave: António Ferro; Ação diplomático-cultural-propagandística; Berna; Roma.

Abstract: By the end of 1949, António Ferro, director of the National Bureau of Information, was appointed Minister of Portugal, first in Berne and later in Rome.

This shift did not mean, however, an interruption of his activity as an interpreter and popularizer of the “Portuguese personality,” revealing in his action as Minister of Portugal a continuity of the National Bureau “identity model”, focused on the demotic as an emblem of Portugal.

This article tries to clarify Ferro’s action, proposing interpretations on the pervasive idea of Portuguese nation constructed by him, exploring the relationships established between Ferro’s diplomatic action and the National Bureau, the Portuguese agency for national propaganda, and presenting information on initiatives framed in this action of promoting Portugal abroad led by Ferro.

Keywords: Diplomatic; Cultural and propagandistic activity; Berna; Roma.

* CEPESE, Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade/UP. InEd, Centro de Investigação e Inovação em Educação/ESEP. carla_ribeiro2@sapo.pt.

NOTAS INICIAIS

Apontado como uma das figuras mais controversas da primeira metade do século XX português, António Ferro foi diretor, entre 1933 e 1949, do Secretariado Nacional de Propaganda/Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SPN/SNI). Dele disse Leitão de Barros, seu amigo de longos anos: «O próprio Salazar, sem você, é como um belo quadro a que [...] se tirasse a moldura»¹. Estas palavras elucidam sobre o papel que Ferro desempenhou ao serviço do Estado Novo e do seu presidente do Conselho, tendo sido um dos principais obreiros de uma imagem modernizada do Portugal estadonovista.

Todavia, apesar do que sobre ele se escreveu, permanecem ainda inúmeros aspetos por esclarecer e explorar.

Com efeito, grande parte dos estudos em torno desta figura centra-se no período de 1933 a 1949, nas suas iniciativas em torno da *Política do Espírito* e enquanto diretor do Secretariado. Mas quanto ao Ferro depois do Secretariado, pouco se investigou e quase nada se escreveu até ao momento. É sobre este período da sua vida, de 1950 a 1956, e sobre o seu trabalho diplomático-cultural-propagandístico enquanto ministro de Portugal, em Berna primeiro e em Roma depois, que este artigo se debruça, propondo leituras sobre a ideia de Nação difundida, explorando as relações estabelecidas entre esta ação diplomática de Ferro e o Secretariado, órgão por excelência da propaganda nacional, e apresentando informação sobre as iniciativas enquadradas nesta ação de divulgação de Portugal no estrangeiro, refletindo sobre a correspondência entre os objetivos traçados e as realizações efetivas.

Os dados recolhidos provêm na sua maioria do fundo do SNI depositado no arquivo nacional da Torre do Tombo, e do fundo relativo a Ferro existente na Fundação António Quadros.

A SAÍDA DO SECRETARIADO

A 7 de novembro de 1949, António Ferro era nomeado ministro de Portugal em Berna, abandonando o cargo de diretor do Secretariado, onde permaneceu cerca de 17 anos. Esteve em Berna até 1954, altura em que se mudou para Roma, até 1956, data da sua morte.

Parece ser ponto assente para alguns investigadores apresentar estes últimos anos da vida de Ferro como um período de apatia, em particular na sua passagem

¹ FAQ – *Fundo António Ferro/Fernanda de Castro* (Carta de Leitão de Barros a António Ferro), cx. 0004, 28.01.1950, p. 2.

por Roma. Com efeito, Raquel Pereira Henriques afirma mesmo: «Nunca mais tentou divulgar Portugal aos estrangeiros, e a sua casa não passou de um refúgio, para onde se recolhia após as obrigações sociais que o seu cargo lhe impunha»². O próprio Ferro o parecia confirmar, nas páginas dedicadas a 1953 do seu diário:

*Sempre que me levanto para trabalhar, tenho de me reconstituir, lentamente, imagem a imagem, passo a passo, olhar a olhar ... Sou o puzzle de mim próprio. E vivo ou morro (viver é morrer pouco a pouco ...) com a impressão de que vou perdendo, hora a hora, pedaços desse puzzle ... Um dia já nem sei como era o desenho ...*³.

Estas leituras devem-se em muito à noção de que a saída de Ferro teria sido forçada e não uma escolha sua. Independentemente desta discussão, certa parece ser a ideia de que a saída não se fez abruptamente, e de que teria razões de fundo político, adivinhando-se desde o final da II Guerra Mundial, com a mudança no contexto político internacional, de vitória dos regimes democráticos, e com a consequente inflexão de rumo do regime, inflexão mais figurada do que real, mas necessária: o SPN passava a SNI, procurando eliminar a conotação negativa que o termo “propaganda” entretanto assumira, substituindo-a pela mais neutra “informação”. Decorrente destas mudanças, a política personificada por Ferro já não se encaixava neste novo Estado Novo, tendo o diretor do Secretariado ficado isolado, atacado, cada vez mais, por figuras do regime que não compreendiam a sua visão, aquilo que Artur Portela chamava de «adversários culturais do estilo que ele personifica»⁴.

Independentemente das dúvidas que continuam a subsistir, a verdade é que os amigos e simpatizantes de Ferro, nos jantares de despedida, apresentaram uma imagem do agora ex-diretor do Secretariado onde ressaltava o «seu talento [...] como esteta [...], como orador e como homem de acção», como o apelidou António Maria Pinheiro Torres, diretor do SNI no Porto, ou de «diplomata de bom gosto popular, da poesia e da beleza da alma do povo português»⁵, nas palavras do conde de Aurora. Com efeito, é o retrato de grande estimulador cultural do país aquele que então se pinta.

E parece ter sido esta a linha de atuação que Ferro continuou na Suíça e em Itália, como ministro de Portugal, na sua tarefa de «intérprete e divulgador da

² HENRIQUES, 1990: 75.

³ FERRO, 2015a: s/p.

⁴ PORTELA, 1982: 54.

⁵ “O escol da cidade do Porto prestou ontem brilhante e expressiva homenagem a António Ferro”. *Diário do Norte*. Porto, 7.12.1949, p. 6

personalidade portuguesa»⁶, convicto que «pela Europa fora há muito a fazer por Portugal e pelas nossas coisas»⁷.

BERNA, 1950-1954

Na Legação de Portugal, a vida diplomática de Ferro era intensa, num rodopio de refeições, almoços, jantares, bailes, *cocktails*, idas ao cinema, ao teatro e a concertos e, também, passeios turísticos por cidades e aldeias suíças. A intenção era clara: apresentar Portugal à nação suíça. Assim, logo em 23 de março de 1950, Ferro convidou e recebeu em sua casa a imprensa suíça, a rádio e os dirigentes do turismo helvético, para um porto⁸.

Ferro organizava igualmente exposições na Legação, como a que Carlos Botelho (que continuava a integrar os serviços técnicos do SNI) lhe sugeriu. A exposição, intitulada “Lisbonne aux mille couleurs”, inaugurada a 22 de setembro de 1951, era constituída por cerca de uma vintena de quadros a óleo, de Botelho, tendo como tema Lisboa⁹.

Para além das exposições, o ministro de Portugal investiu ainda numa variedade de atividades culturais de divulgação da cultura e da nação portuguesa:

- Concertos de artistas portugueses, em 1951 (canto por Stella Tavares e concerto de piano por Isabel Maria Hitzmann, em Março e violoncelo por Vasco Barbosa e piano por Grazi Barbosa, em junho) e em 1952, com o recital de fado de Amália Rodrigues, em fevereiro, na Legação;
- Projeção de filmes nacionais: em abril de 1951, assistiu-se ao *Camões* de Leitão de Barros e ao documentário *Sintra*, no cinema Victoria e, em junho de 1952, na comemoração do Dia da Raça, realizou-se uma Festa do Cinema Nacional; em dezembro de 1952, na sala do Théâtre de la Cour de St. Pierre, apresentou-se o filme *Uma revolução na paz*;
- Receções, como a organizada na Legação, em maio de 1952: “Un soir au Portugal” com que inaugurou a “Casa Portuguesa”, espaço decorado por Paulo Ferreira¹⁰.

⁶ “António Ferro”. *Notícias de Portugal*. Lisboa, nº 498, 17.11.1956, p. 12.

⁷ “Recordando António Ferro, embaixador de Portugal em Roma”. *Diário de Notícias*. Lisboa, 25.11.1971, p. 18.

⁸ FERRO, 2015a.

⁹ FERRO, 2015a.

¹⁰ ANTT – *Secretariado Nacional de Informação* (Genebra, 1951-53), cx. 3098, 1951-1953.

Facilmente se percebe que, nesta atividade diplomático-cultural, Ferro recorreu às fórmulas por ele anteriormente utilizadas no Secretariado para a projeção da imagem de Portugal no estrangeiro, certo de que, tendo tido êxito uma vez, fatalmente o teria também agora¹¹.

Todavia, homem de ação por natureza, a Legação não parecia chegar para o antigo diretor do Secretariado e, logo em inícios de 1950, pouco tempo após a sua chegada, Ferro enviava uma proposta ao presidente do Conselho, referente à criação de um Centro Português de Informações (CPI) em Genebra, que ocuparia o espaço da antiga delegação portuguesa na já extinta Sociedade das Nações.

Para o ex-diretor do Secretariado, o CPI teria como orientação fundamental uma ação de propaganda política. Ferro encarava o CPI como o «esboço, projecto duma futura Casa de Portugal» num país fulcral como a Suíça, «pela posição geográfica [...] de encruzilhada, no centro da Europa»¹².

Assim, previam-se como atividades do Centro Português de Informações o contacto com jornalistas e escritores de todos os países, procurando despertar-lhes interesse por Portugal; através de um boletim semanal, a distribuição de informações sobre Portugal, a toda a imprensa suíça «que muito nos interessa pois é lida em todos os círculos políticos da Europa»; a organização de pequenas exposições de fotografia, de folclore, de gravuras, de quadros; a realização de concertos e conferências que alimentassem a curiosidade, o interesse por Portugal; um intercâmbio radiofónico, de grupos folclóricos e de professores universitários, uma vez que «o pensamento dos dois países só tem a lucrar com a interpenetração das duas doutrinas e teorias de paz social», além do «aproveitamento do núcleo de estudantes portugueses em Lausanne e de Zurich como agentes naturais da propaganda do nosso país no seu mais lato sentido»¹³.

Ferro teria igualmente estabelecido contacto com Ricardo Espírito Santo, convencendo-o a colaborar na sua estratégia editorial, de publicação de uma revista de arte portuguesa na Suíça, com uma periodicidade bianual. O ministro de Portugal sugeria ainda a edição em francês dos clássicos nacionais e dos melhores autores modernos.

¹¹ Basta para tal comparar-se estas iniciativas com o programa da Quinzena Portuguesa, organizada em Genebra em 1935.

¹² ANTT – *Secretariado Nacional de Informação* (Exposição de António Ferro sobre o Centro Português de Informações), cx. 3098, s/d, p. 2.

¹³ ANTT – *Secretariado Nacional de Informação* (Exposição de António Ferro sobre o Centro Português de Informações), cx. 3098, s/d, p. 2 e 4.

A esta atuação política, Ferro acrescentava uma segunda linha de ação, de cariz turístico, avaliando a Suíça como «o país do turismo por excelência»¹⁴ e considerando que o CPI poderia

*aproveitar [...] esse vai-vem de turistas, na Suíça, procurando canalizá-los para Portugal através de indicações, distribuição de brochuras; de publicidade em revistas e jornais; de afixação de cartazes nas agências de turismo, no hall de hotéis, de passagem de filmes, etc.*¹⁵.

Finalmente, para o projetado CPI Ferro antevia ainda uma função de propaganda económica dos produtos nacionais. O Centro serviria então como um espaço para se obterem informações económicas e promover contactos entre exportadores e importadores, para a apresentação de exposições de amostras, para a edição de brochuras de propaganda dos produtos portugueses, para apoio à organização da participação nacional nas feiras realizadas nesse país¹⁶.

De acordo com Ferro, a ação do Centro deveria estender-se por toda a Suíça, apresentando um plano de semanas portuguesas a realizar em várias cidades do país.

Em 1951, em resposta ao pedido de Ferro, a opinião do então diretor interino do SNI, António Eça de Queirós, revelava-se positiva. Concedida a dotação pedida¹⁷, e até à inauguração do Centro, Ferro procedeu a trabalhos preparatórios, aproveitando a sua grande rede de amizades e conhecimentos no estrangeiro, reatando velhas relações adquiridas durante a Quinzena de Portugal em Genebra em 1935 e realizando um conjunto de atividades de publicitação do futuro Centro, como o almoço para a imprensa e autoridades de Genebra, do qual terão resultado vários artigos jornalísticos onde se lançaram elogios à ideia de Ferro. Nada de novo, portanto: o ministro de Portugal continuava a sua campanha de sedução de personalidades influentes, à semelhança do que tinha feito em Portugal, enquanto diretor do Secretariado.

Na inauguração, a 3 de outubro de 1951, estiveram presentes as mais altas individualidades da vida diplomática e cultural na Suíça. Os convidados foram recebidos por uma rapariga portuguesa vestida à moda do Minho, podendo apreciar, logo

¹⁴ ANTT – *Secretariado Nacional de Informação* (Exposição de António Ferro sobre o Centro Português de Informações), cx. 3098, s/d, p. 1.

¹⁵ ANTT – *Secretariado Nacional de Informação* (Exposição de António Ferro sobre o Centro Português de Informações), cx. 3098, s/d, p. 1-2.

¹⁶ Esta propaganda económica constituiria uma secção autónoma, gerida pelo Ministério da Economia, mediante a Comissão Delegada para o Comércio Externo, através do seu Fundo de Fomento de Exportação.

¹⁷ Na exposição enviada por Ferro, este propunha que o CPI funcionasse a título experimental durante o ano de 1950 com uma verba anual de 200 000 escudos, atribuindo-se a quantia de 15 000 escudos mensais para a atividade normal do Centro.

no vestíbulo, um grande painel da autoria de Paulo Ferreira, representando «uma síntese sugestiva das actividades da vida portuguesa»¹⁸.

Apesar dos desejos de Ferro, e dos seus pedidos ao SNI, insistentes, de colaboração, para uma multiplicidade de eventos a realizar pelo CPI (como uma apresentação dos Bailados Verde Gaio ou, para a comemoração do 27 de abril, data da entrada de Salazar para o governo, a edição de um Boletim de Informações consagrado à obra de Salazar), as resistências com que se deparou por parte do Secretariado dirigido por José Manuel da Costa foram muitas e deste empenho resultou, dos dados recolhidos, apenas uma concretização: uma exposição de arte popular, no Museu de Arte e História de Genebra, de 23 de março a 25 de abril de 1954, sob o título «Cores e Reflexos de Portugal».

Tratou-se de uma «Exposição de Arte Popular, Artesanato e Fotografias representativas da vida portuguesa em vários dos seus aspectos, especialmente o monumental», esperando-se que contribuísse «para o melhor conhecimento no meio internacional [...] da vida e carácter da gente portuguesa»¹⁹. A exposição, montada por Paulo Ferreira, ter-se-á realizado com peças emprestadas por museus regionais e coleções particulares, ou adquiridas expressamente em Portugal por Ferro bem como outras cedidas pelo próprio SNI, objetos familiares pela sua utilização anterior nas exposições internacionais em que o país tinha participado e nas exposições temporárias organizadas pelo órgão de propaganda nacional – peças de filigrana e de barro, associadas à religião popular, artefactos de uso doméstico e relacionados com atividades económicas, trajes regionais, etc.

ROMA, 1955-1956

Em 1954, Ferro mudava de cidade: era agora ministro de Portugal em Roma, posição que ocupou até à sua morte, em 1956. Desenvolve a sua «Ação Representativa da Delegação de Portugal em Roma», como lhe chama nos seus registos, que passava pela organização e participação em visitas, pequenas viagens, cerimónias, homenagens, receções, almoços e jantares.

Todavia, chegado à cidade, Ferro cedo se apercebeu que, «numa terra como Roma, a melhor diplomacia não era a dos consuetos canais diplomáticos, mas a

¹⁸ «Inaugurou-se em Genebra o Centro Português de Informações». *Diário da Manhã*. Lisboa, 4.10.1951, p. 6.

¹⁹ ANTT – *Secretariado Nacional de Informação* (Carta do chefe da 1ª Repartição do SNI ao ministro da Presidência), cx. 3098, 5.4.1954, p. 1-2.

de promover actos culturais que não dividem, antes unem os homens»²⁰. Com efeito, uma presença forte de Portugal em Itália, no campo cultural, revelava-se indispensável à projeção política da Nação, sendo que outros países, grandes e pequenas potências, já o faziam, levando a cabo uma intensa atividade cultural e de propaganda²¹.

Desta forma, em dezembro de 1954, o novo ministro propôs ao Ministério dos Negócios Estrangeiros a criação de um Centro Português de Informações, instituição semelhante à criada em Genebra, que seria, na sua visão, o primeiro dos elementos para a concretização de uma grande ambição relativamente à presença portuguesa na Cidade Eterna: a fundação de um bairro português na Via dei Portoghesi, «onde casas e institutos nossos [...] poderiam ser os pergaminhos visíveis de uma presença espiritual fecunda»²².

Além de funções propagandísticas puras, o Centro constituiria uma fonte informativa e documental de referência a nível comercial, económico, turístico, político e cultural, ficando desta forma habilitado a prestar esclarecimentos até aí solicitados à Legação. O Centro serviria igualmente como ponto de apoio à participação de Portugal nas diversas exposições e feiras promovidas pelo governo italiano, em Roma, Milão, Florença, Bari, Nápoles, Veneza, uma vez que «cada participação portuguesa levada a efeito, de cada vez, atinge um custo exagerado e é feita em condições precárias, até no respeitante a prazos»²³; desta forma, o Centro forneceria um local de depósito do material utilizado e pessoal especializado para colaborar. Ferro ressaltava que, através do Centro, «seria fácil [...] exercer aqui uma actividade que [...] colocaria Portugal entre os países cujo reflexo em Itália poderia exercer a mais profunda atracção»²⁴.

Ouvido o parecer favorável do SNI, então dirigido por Eduardo Brazão, a Presidência do Conselho aprovou, em 28 de junho de 1955, a criação deste Centro em Roma. Inaugurado oficialmente numa data simbólica, a 10 de junho de 1956, o Centro Português de Informações, dirigido por Pedro Batalha Reis, foi decorado por Paulo Ferreira, então chefe dos Serviços Artísticos das Casas de Portugal.

²⁰ «Recordando António Ferro, embaixador de Portugal em Roma». *Diário de Notícias*. Lisboa, 25.11.1971, p. 17.

²¹ Ferro referia-se em particular a nações europeias como a Áustria, a Bélgica, a Suécia ou a Holanda, mas também a países como o Egito e a Argentina, que desenvolviam a sua ação através de institutos, cursos de línguas, concertos, conferências, projeção de filmes e através da publicação de boletins, em geral distribuídos gratuitamente. Alguns destes países possuíam ainda centros de informações, casos do Egito e da Suécia.

²² «Recordando António Ferro, embaixador de Portugal em Roma». *Diário de Notícias*. Lisboa, 25.11.1971, p. 17.

²³ *Apud* MATOS, 2010: 231.

²⁴ *Apud* MATOS, 2010: 231.

Mais uma vez, Ferro recuperava algumas das atividades desenvolvidas em Berna, Genebra e em Portugal, enquanto diretor do Secretariado, tendo organizado a «Exposição de Lisboa», em outubro de 1955, e uma «Exposição de Arte Popular Portuguesa», na galeria La Feluca, da Via Frattina, em dezembro de 1955.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As linhas que antecedem estas notas finais representam dados de um trabalho ainda em curso, esperando-se que a continuação da investigação possa trazer mais elementos relevantes para se continuar a refletir sobre a diplomacia cultural de Ferro em Berna e Roma.

Não obstante, procura-se mesmo assim dar respostas, ainda que parciais, a algumas das questões de investigação lançadas.

Assim, nas suas funções diplomáticas, Ferro apoiou-se em alguns dos elementos da equipa artística do Secretariado, como Paulo Ferreira e Carlos Botelho, bem como na sua rede de contactos internacionais, que se constituíram como elementos privilegiados de divulgação da sua ação em prol de Portugal, a par do seu prestígio pessoal.

Além da atividade cultural via Legação de Portugal, os Centros Portugueses de Informações criados por Ferro foram uma das suas grandes apostas, embora não muito bem-sucedidas, face aos objetivos inicialmente estipulados. Com efeito, a sua criação esteve dependente das verbas que o Secretariado, órgão por excelência da propaganda nacional, disponibilizasse do seu orçamento, na secção de encargos administrativos ou de turismo. Para o ministro de Portugal, os Centros Portugueses de Informação eram considerados um elo de ligação entre as Legações de Portugal por si dirigidas, e o SNI, considerando que, uma vez que «a acção externa do Secretariado sofrerá durante algum tempo enquanto o novo Secretário Nacional não se adaptar às necessidades de expansão exterior do organismo», o CPI seria “a única forma de se manter a continuidade dessa expansão”²⁵. Todavia, apesar da verba ter sido desbloqueada (muito por via das decisões tomadas então pelo diretor interno, António Eça de Queirós, ex-braço direito de Ferro no Secretariado), a verdade é que a colaboração entre os dois organismos, tal como o ministro a via, nunca aconteceu, verificando-se antes uma resistência clara por parte do SNI em apoiar, mesmo que a nível de material, as atividades idealizadas por Ferro para os Centros de Informação. Tal dever-se-á se, pelo menos em parte, ao fato de António Ferro

²⁵ ANTT – *Secretariado Nacional de Informação* (Exposição de António Ferro sobre o Centro Português de Informações), cx. 3098, s/d, p. 5.

ver esta sua ação através dos CPIs, como uma espécie de extensão da sua anterior atividade no Secretariado ou, melhor dizendo, como se o Secretariado assumisse agora dois diretores, um para as questões internas e outro, o próprio Ferro, para as questões externas. Parece, pois, que se terá aqui verificado uma disputa de território no que à propaganda nacional dizia respeito.

No que concerne à identidade nacional promovida e divulgada por Ferro enquanto ministro de Portugal, pode afirmar-se que a verdade é que, em Berna, em Genebra e em Roma, nas Legações de Portugal e nos CPIs, foi possível descortinar uma continuidade da *Política do Espírito* idealizada por Ferro no cargo de diretor do Secretariado, parecendo lógico afirmar-se, perante a continuidade da ação de Ferro na Suíça e em Itália, que só a morte, em novembro de 1956, terá interrompido o seu trabalho – melhor será dizer, a sua missão – de divulgação de (um certo) Portugal no estrangeiro.

Quanto ao Portugal que divulgou, parece ter seguido o modelo que tinha implementado enquanto diretor do SPN/SNI, de uso do demótico como emblema da portugalidade. Com efeito, uma das principais atrações do Centro em Roma eram as suas montras, que exibiam o folclore nacional, destacando-se duas vitrinas, uma dedicada ao Alentejo e outra à Nazaré, onde se distribuíam as figuras típicas destas localidades; na totalidade, fariam parte da decoração deste Centro cerca de doze bonecos com trajes regionais, trazidos de sua casa por António Ferro. Também o CPI de Genebra apresentava uma decoração composta por bonecos de madeira e barro, filigranas, bordados e rendas, trabalhos de cortiça, apresentados em estantes envidraçadas na sala de receção²⁶. Muitas das iniciativas de Ferro no campo da divulgação da cultura nacional, quer através das Legações, quer através dos Centros de Informações, centraram-se, afinal, num figurino expositivo de cariz folclórico, que assentava numa imagem ruralista, de valorização da cultura popular como objeto exótico e pitoresco. Todavia, em Portugal, assumia-se agora, em termos de propaganda externa, um “estilo moderno”, sustentando-se a imagem do país num discurso histórico, de apreciação pela longevidade da Nação e da herança universal deixada a nível civilizacional; na matriz ideológica de um Portugal imperial, “do Minho a Timor”, e numa modernidade económica, através das indústrias nacionais de pesca e de energia elétrica, minas, transportes e comunicações. O *ethos* tradicionalista de Ferro, com as suas características folclóricas e regionalistas, tinha sido a imagem de Portugal durante cerca de uma dezena de anos. Mas, a partir de 1945, tornou-se impossível manter o paradigma idealizado por Ferro: o mundo tinha mudado e isso afetou o país, que não poderia continuar o mesmo. Ou, pelo menos, a sua imagem exterior teria inevitavelmente de mudar:

²⁶ «Inaugurou-se em Genebra o Centro Português de Informações». *Diário de Lisboa*, 4.10.1951, p. 6.

o Portugal da pobreza honrada, das aldeias constituídas por gente trabalhadora, pobre e feliz, até aí apresentado como um exemplo às outras nações civilizadas, onde abundavam grandes urbes industrializadas minadas pela desordem e imoralidade, não podia persistir. Esta ideia (ficção?) de Portugal estava definitivamente ultrapassada como imagem de marca.

FONTES ARQUIVÍSTICAS:

IAN/TT – *Secretariado Nacional de Informação*, cxs. 3098; 5603.

PT/FAQ – *Fundo António Ferro/Fernanda de Castro*, cx.0004.

FONTES HEMEROGRÁFICAS:

Diário de Lisboa. Lisboa: 1951.

Diário da Manhã. Lisboa: 1951.

Diário do Norte. Porto: 1949.

Diário de Notícias. Lisboa: 1971.

Notícias de Portugal. Lisboa: 1956.

BIBLIOGRAFIA:

FERRO, Mafalda (2015a) – *Subsídios para uma biografia de António Ferro*. Disponível em <http://www.fundacaoantonioquadros.pt/newsletter/newsletter-preview.php?id=118> [Consulta realizada em 15/04/2016]

— (2015b) – *Subsídios para uma biografia de António Ferro (1953-1954)*. Disponível em <http://www.fundacaoantonioquadros.pt/newsletter/newsletter-preview.php?id=119> [Consulta realizada em 15/04/2016]

— (2015c) – *Subsídios para uma biografia de António Ferro (1955-1956)*. Disponível em <http://www.fundacaoantonioquadros.pt/newsletter/newsletter-preview.php?id=123> [Consulta realizada em 15/04/2016]

HENRIQUES, Raquel Pereira (1990) – *António Ferro. Estudo e Antologia*. Lisboa: Publicações Alfa.

MATOS, Vera Margarida Coimbra de (2010) – *Portugal e Itália: Relações Diplomáticas (1943- 1974)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

PORTELA, Artur (1982) – *Salazarismo e Artes Plásticas*. Amadora: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.

